

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: BULLYING UM PROBLEMA A SER ENFRENTADO

Viviane Almeida Pires

Universidade Federal de Campina Grande – vivianemat26@gmail.com

Francisco Roberto Diniz Araújo

Universidade Nacional de Rosario – robertodinizaemd@hotmail.com

Edinete Vilma Gomes da Silva

Universidade Federal da Paraíba – vilmagomesss@hotmail.com

Joseane Fátima de Almeida Araújo

Universidade Nacional de Rosario – joseanefalmeida@gmail.com

Resumo: O objeto de estudo desta investigação é o *bullying*. O objetivo geral consiste em analisar as consequências do *bullying* no processo de ensino e de aprendizagem, e ainda, propiciar uma reflexão acerca da violência na escola, de modo a identificar as concepções dos professores sobre o *bullying* para conhecer como os professores lidam com os alunos autores e vítimas desse fenômeno. Quanto ao percurso metodológico, foi realizado um levantamento bibliográfico e uma pesquisa de natureza qualitativa. O estudo teórico realizado propiciou concluir que os casos *bullying* podem até evoluir para quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentos que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis. O estudo permitiu refletir sobre nosso papel enquanto educadores, nossas práticas em relação a aprendizagem, as quais devem proporcionar, na medida do possível, um ambiente saudável para nossos alunos, onde haja respeito, diálogo, justiça, amizade, solidariedade e cooperação.

Palavras-chave: Bullying. Escola. Violência.

Introdução

O fenômeno *bullying* não é um acontecimento novo, mas atualmente tem se apresentado como um problema social comum nas instituições escolares, provocando uma grande violência por parte dos agressores, e consequências muito graves para as vítimas.

Por isso, prevenir as práticas do *bullying* nas escolas é essencial, fazendo-se necessário que a comunidade escolar discuta e reflita sobre todas as formas de violências existentes e pense em maneiras eficazes de erradicar essa prática.

O *bullying* é um problema social que vem se destacando nos diferentes meios de comunicação, tais como: internet e reportagens na televisão. Os pequenos apelidos, ofensas e brincadeiras provocadas pelos alunos foram tomando um rumo mais grave, interferindo, principalmente, no processo de ensino aprendizagem.

O fato do *bullying* apresentar consequências graves, como: mortes, suicídios, chacinas e impunidade, veio a necessidade de discutir o tema e procurar as maneiras de evitar tais violências, que cada vez mais vem se intensificando.

Com isso, o objetivo geral consiste em analisar as consequências do *bullying* no processo de ensino e de aprendizagem, e ainda, propiciar uma reflexão acerca da violência na escola, de modo a identificar as concepções dos professores sobre o *bullying* para conhecer como os professores lidam com os alunos autores e vítimas desse fenômeno.

Este estudo pretende contribuir para informar, tanto profissionais da educação, quanto pais, alunos e toda a comunidade escolar sobre como educar, não apenas crianças, mas toda a sociedade, no que se diz respeito a questão do *bullying* com o propósito de desenvolver reflexões acerca do tema, e desse modo, buscar prevenir essas práticas e combater a violência nas escolas.

Metodologia

Com base na teoria de Demo (2011), a pesquisa configura-se tanto como processo de construção de conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem. O autor expõe que uma das conceituações possíveis para a pesquisa poderia ser o: “[...] diálogo inteligente com a realidade, tomando-o como processo e atitude, e como integrante do cotidiano” (DEMO, 2011, p. 37).

A partir desse pressuposto, o presente estudo, com relação aos procedimentos, constitui-se de uma pesquisa do tipo revisão bibliográfica, efetivada a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc.

Conforme explana Severino (2007, p. 39), entende-se por pesquisa bibliográfica:

[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses e etc. utilizando dados e categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas, da qual os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados pelo qual o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Em consonância, Gil (2008) acentua que esse tipo de pesquisa oportuniza a apropriação dos subsídios teóricos sobre a temática em estudo e, após a leitura crítica e constante, escreveu-se o trabalho acerca das perspectivas teóricas e metodológicas emanadas.

Adotou-se uma abordagem qualitativa para o presente estudo, que segundo Oliveira, (2008), existe uma relação recíproca e interdependente entre sujeito e objeto, pois espera do pesquisador uma posição de reflexão e análise, diante da realidade do que se deseja pesquisar, utilizando-se de técnicas que possibilitam uma visão mais detalhada e clara do seu objeto.

O uso da abordagem qualitativa possibilita a descrição da complexidade que envolve os problemas de pesquisa, através das subjetividades que compõem esse tipo de abordagem, na qual se faz viável a compreensão das mudanças, dos processos dinâmicos de diferentes grupos, como instrumento para facilitar o entendimento das inúmeras singularidades dos sujeitos.

A escolha por esse tipo de pesquisa se deu a partir da possibilidade de um encontro significativo com os resultados que são almejados a se alcançar ao final do trabalho, na medida em que requer o detalhamento da compreensão do pesquisador sobre o seu objeto de estudo.

Resultados e discussões

Atualmente, a sociedade em geral vive contaminada pela violência, essa violência acontece de várias formas. Atingindo todas as classes, não apenas a uma classe social, dessa forma existindo em vários espaços, onde haja relações entre pessoas. Nogueira (2007, p. 17) aponta que a violência “é um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da humanidade. Não se conhece nenhuma sociedade em que a violência não tenha estado e esteja presente”.

O conceito de violência é visto de uma forma complicada, pois existem vários conceitos sobre o tema. Sendo assim, a violência pode ser conceituada de várias formas e pode ser considerado um fenômeno homogêneo, isto é um problema social que atinge diversos âmbitos.

A primeira diz respeito ao fato de que o termo violência se apresenta como um significante cujos significados são histórica e culturalmente construídos. Tal como acontece com outros termos, dependendo do momento histórico ou contexto social, significados diferentes lhe são atribuídos. A segunda questão diz respeito ao fato de que o termo pode ser referido a situações marcantes diversificadas, cada uma respondendo a determinações legais, modos de produção, explicações e efeitos diferentes. É frequente encontrarmos na literatura e nas páginas de notícias, referência que permitem focalizar, diferencialmente, o fenômeno (NOGUEIRA, 2007, p. 60).

De acordo com Nogueira (2007) a origem etimológica da palavra violência vem do termo latino “*violentia*” (força, caráter bravo ou violento) e ao verbo “*violare*” (transgredir, profanar, tratar com violência). O núcleo de significação “vis” significa força, vigor, potência, violência, emprego de força física, e também quantidade, abundância, essência de alguma coisa. Não há uma definição concreta sobre violência, esta acontece de maneiras e em espaços diferentes, com violação ou não cumprimento da lei. “[...] pode haver quase tantas formas de violência quantas forem as espécies de normas” (MICHAUD *apud* NOGUEIRA, 2007, p. 61).

Para Barros *et al.* (2009, p. 5739), existem diferentes formas de violência no meio social.

[...] a violência física que se caracteriza pelo uso da força ou ainda por atos de omissão. A violência psicológica que consiste em um comportamento específico de um indivíduo ou grupo de agressores, gerando tratamento desumano como a rejeição, indiferença, desrespeito e discriminação. A violência política manifestada através de terrorismo que agregam em suas consequências a violência física ou por imposições ideológicas, que tem em suas metas a opressão social e a inadequação de determinados sujeitos ou ideias a sistemas politicamente incorretos. A violência cultural, através da substituição de uma cultura por um conjunto de valores forçados, não respeitando a identidade cultural existente. A violência verbal, que não raramente são acompanhadas da violência física e ainda a violência sexual, que é um abuso de poder onde uma criança ou adolescente torna-se uma gratificação sexual de uma outra pessoa, forçados a práticas sexuais com ou sem violência física.

Neste sentido, a violência pode ser usada de várias formas contra quem “vai causar dano a outra pessoa ou ser vivo. Nega ao outro a autonomia, a integridade física ou psicológica e até mesmo o direito à vida. Também pode ser entendida como o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado” (BARROS *et al.*, 2009, p. 5739).

Conforme Souza (2010), educadores e membros da opinião pública consideram que a violência escolar é um fenômeno novo, aparecido nos anos 1980 (este período é apontado pelo fato de ter ocorrido o aumento da criminalidade violenta no Brasil) e se proliferado nos anos seguintes. “Mas, para o sociólogo francês Bernard Charlot, desde o século XIX há relatos de violência na escola. O que mudou foi sua forma de manifestação” (SOUZA, 2010, p. 8).

Durante os últimos anos no Brasil, “as políticas públicas de redução da violência em meio escolar têm se originado, sobretudo, na esfera estadual e municipal” (GONÇALVES; SPOSITO, 2002, p. 102). Estão acontecendo projetos de intervenção nas escolas da rede estadual e municipal, para prevenção e redução da violência no meio escolar. Esses projetos acontecem diferentemente, dependendo da necessidade de ajuste em cada ambiente, “é possível

traçar os elementos principais que orientam o nascimento de políticas públicas voltadas para a superação das condutas violentas que atingem os estabelecimentos escolares, sobretudo nas cidades brasileiras de médio e grande porte” (GONÇALVES; SPOSITO, 2002, p. 102).

No Brasil, a violência escolar difere da violência social, pois através dela a violência atinge os outros ambientes, principalmente os locais públicos, conseqüentemente também chegando até as escolas, interferindo no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos.

Há várias manifestações de violência no cotidiano escolar, umas atingem os professores, outros aqueles que trabalham na escola e na maioria das vezes os alunos, sem importar a faixa etária. Conforme Abramovay (2006), “a violência na escola é um fenômeno múltiplo e diverso, que assume determinados contornos em consequência de práticas inerente aos estabelecimentos escolares e ao sistema de ensino, bem como às relações sociais nas escolas”.

Atualmente, vivencia-se várias formas de comportamento. E muitas pesquisas investigam a violência escolar. Contudo, o sociólogo Bernard Charlot (2002) diz que é preciso distinguir os tipos de violência: violência *na* escola, violência *à* escola e violência *da* escola.

A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar as contas das disputas que são as do bairro; [...] a violência *à* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, de palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos injustos ou racistas) (CHARLOT, 2002, p. 435-436).

A maioria das escolas não disponibilizam recursos e meios para solucionar os problemas da violência. A escola junto aos professores deve buscar sempre novas atividades para suprir a falta desses recursos e ajudar outros setores públicos.

Evidencia-se que hoje, a violência atingiu uma grande dimensão no nosso meio, pois ela encontra-se bastante presente no nosso dia a dia. Nesse sentido, a escola por ser uma instituição onde há múltiplas relações interpessoais, acaba sendo atingida por esse problema.

A violência é um fenômeno preocupante tanto pelas sequelas que diretamente infringe aos atores participantes e testemunhas como pelo que contribui para rupturas com a ideia da escola como lugar de conhecimento, de formação do ser e da educação, como veículo por excelência do exercício e

aprendizagem, da ética e da comunicação por diálogo, e, portanto, antítese da violência (ABRAMOVAY, 2006 *apud* MEDRADO, 2008, p. 145).

A violência não é somente crimes, homicídios, roubos, mas também outras situações, como humilhação, desrespeito, preconceito e exclusão. Esses acontecimentos estão presentes em vários espaços onde há interações, tais como: escola, família, trabalho, causando assim danos físicos e psicológicos aos envolvidos.

A maneira como ela se mostra pode ser através da violência física, dos roubos, e através da arma (de fogo ou não) também. Há outra forma de violência que é a simbólica, que faz parte do cotidiano da escola e está relacionada aos preconceitos, discriminações, gritos, intimidações, abusos de poder por parte dos professores e agressões verbais dos alunos. Outra violência, é a institucional, que é, por exemplo, a certeza do jovem de que com a formação que tem ele não vai conseguir entrar na faculdade e não vai conseguir um trabalho. Assim, justificativas para o surgimento e proliferação das diversas manifestações de violência nas escolas aparecem atreladas tanto a fatores internos quanto externos às unidades escolares (NOGUEIRA, 2007, p. 73).

É papel da escola formar o cidadão para vida, dessa maneira o assunto da violência deve ser abordado pela escola, a qual deve reconhecê-la e empenhar-se em contribuir para minimizar os seus efeitos e na medida do possível ajudar a construir uma cultura de paz. Ao olharmos para o cotidiano vemos famílias cada dia mais desestruturadas. Pais separados e filhos com pouca assistência da família. Tem ainda pais muito ausentes por causa do trabalho. O resultado disso muitas vezes são crianças indisciplinadas que não conhecem regras, nem tem limites, na prática não obedecem a ninguém. “O indivíduo não assimilou regras básicas de convivência social, acha que tudo é permitido. Assim, alunos indisciplinados e mal-educados atormentam professores, e estes não apresentam condições para “controlar a bagunça que se alastra na sala de aula” (ROSA, 2010, p. 147).

Na maioria das vezes uma das causas da violência, é a indisciplina no ambiente escolar, que muitas vezes esse comportamento advém de problemas familiares, inclusão social, más companhias, dentre outros. Nesses casos, o professor não tem condições de fazer muita coisa, ficam esperando que se resolva através de outras pessoas. Entretanto, a indisciplina também pode se originar de outros fatores.

Em alguns casos, a indisciplina evoluiu para casos de violência. Hoje, a violência na escola é um fenômeno real e transparente que vem fazer parte de problemas sociais do Brasil. Essa questão requer estudos mais detalhados por se tratar de um tema complicado. Os

problemas sociais como a pobreza, a miséria, o desemprego, as desigualdades sociais e as más condições de vida de algumas pessoas, são fatores que contribuem para aumentar a violência no País, pois esse fenômeno não se restringe apenas aos problemas de ordem socioeconômica, e sim a outros fatores sociais. “Em razão disso, a violência deve ser entendida no âmbito cultural e psicossocial dos indivíduos, dos grupos e da sociedade” (ROSA, 2010, p. 148).

Nos dias de hoje, nos deparamos diariamente com fatos de agressões acontecendo no espaço escolar. Estudos mostram por um lado o diagnóstico e a compreensão deste problema, e por outro lado, buscar soluções ou estratégias que elimine ou diminua este fenômeno, o qual vem trazendo grandes danos para a sociedade.

O fenômeno *bullying* foi descoberto há algum tempo por estudiosos através de algumas manifestações de violência na escola. Problema esse, bastante conhecido e encontrado em escolas públicas e privadas. O *bullying* é percebido através de maneiras agressivas de comportamento, por meio de “insultos, apelidos cruéis, gozações, ameaças, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam a vida de outros levando na maioria das vezes o agredido a graves consequências psíquicas e à exclusão escolar e social” (ROSA, 2010, p. 145). O termo *bullying* ainda não se tem muito conhecimento no Brasil, é de origem inglesa *bull*, pode ser traduzida por valentão. Atualmente, a palavra *bullying* vem sendo utilizada para denominar comportamentos agressivos, sejam eles de forma verbal ou física, intencional ou repetitiva, que acontece sem um motivo visível.

O *bullying* é um tipo de violência bastante discutido e preocupante para todos. Diante disso precisa ser conhecido e refletido para assim encontrarmos uma maneira de prevenir e acabar com essa forma de violência escolar. “Inicialmente visto pelos jovens como uma brincadeira, no entanto a intenção é intimidar, perseguir, provocar, apelidar, incomodar, e até mesmo espancar aqueles que determinado indivíduo ou grupo decidem ser diferente dos demais” (ROSA, 2010, p. 152).

O *bullying* se torna hoje um problema mundial, ou seja, uma violência que é praticada não só no ambiente escolar, mas também em outras instituições, públicas ou privadas. No entanto, deve-se levar em conta que existem escolas que não aceitam a existência do *bullying* entre os alunos, ou não enxergam o problema ou se negam a combatê-lo.

Existem duas formas de classificar o *bullying*: direto e o indireto. O *bullying* direto é aquele em que as agressões contra a vítima são feitas diretamente, com apelidos, agressões físicas, roubos, intimidações e atos que causam desconforto. Sendo uma forma mais utilizada pelos homens. Já o *bullying* indireto dá-se por meio de atos de indiferença, difamação, e ações que levam a vítima a isolar-se socialmente, consequentemente recusando o relacionamento e

aproximação das pessoas. Essas agressões afligem aqueles que buscam se relacionar com ela, acontecendo mais em mulheres e em crianças. “Não necessariamente o *bullying* se consolida por agressões físicas. Pode efetivar-se também ofensas psicológicas e verbais, como “humilhações” combinadas com “intimidação”” (SILVA, 2010, p. 88-89).

Os estudos de Fante (2005) apontam que o *bullying* é uma prática antiga, mas que era visto com algo normal, mais uma etapa da vida das crianças e adolescentes. O que marca o *bullying* é a incapacidade que a vítima tem de reagir, passando por situações constrangedoras que causam sofrimento, com um comentário inconveniente, um apelido com caráter de humilhação.

Segundo Lima (2011), o fenômeno do *bullying* teve muita projeção na mídia brasileira e internacional na década de 2000, sendo largamente conhecido pelos meios digitais, inclusive com a criação de vários sites sobre o assunto- ao ser colocada no site de buscas Google, aparece mais de 1 milhão de páginas relacionadas ao *bullying*.

A prática do *bullying* pode acarretar danos à saúde mental, tanto da vítima quanto do agressor e podem ter consequências irreparáveis. Ramos e Barbosa (2012) apontam que muitos casos de *bullying* foram amplamente divulgados pela mídia, um dos motivos que pelos quais este tema tem sido tão discutido nos dias de hoje. Uma das mais lembradas é a chacina de Columbine, no qual dois jovens entraram com armas na escola, assassinaram doze (12) pessoas, entre elas, o professor, deixando muitos feridos e se matando em seguida. Outro caso, foi o que aconteceu aqui no Brasil, no município de Taiúva, Rio de Janeiro, no ano de 2003. Um adolescente, depois de ter sido vítima de *bullying* por muitos anos, resolveu entrar armado em sua ex-escola no horário de intervalo, tentando se vingar dos alunos, feriu várias pessoas e se matou em seguida. Neste caso, um dos problemas com que tinha que lidar era o fato de ser obeso, sendo motivo de várias chacotas. Vários casos acontecem globalmente, e acabam por chocar o mundo com a quantidade de vidas desperdiçadas e ameaçadas.

[...] especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízo para a sua saúde física e mental [...] Dependendo da intensidade do sofrimento vivido em consequência do *bullying*, a vítima poderá desenvolver reações intra-psíquicas, com sintomatologia de natureza psicossomática: enurese, taquicardia, sudorese, insônias, cefaleia, dor epigástrica, bloqueio dos pensamentos e do raciocínio, ansiedade, estresse e depressão, pensamentos de vingança e de suicídio, bem como reações extra-psíquicas, expressas por agressividade, impulsividade, hiperatividade e abuso de substâncias químicas (FANTE, 2005, p. 79- 80).

De acordo com o site UOL, uma pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Brasília é apontada como a capital do *bullying*. Segundo o estudo, 35,6% dos estudantes entrevistados disseram serem vítimas constantes da agressão. Belo Horizonte, em segundo lugar com 35,3% e Curitiba, em terceiro lugar com 35,2%, foram, junto com Brasília, as capitais com maior frequência de estudantes que declaram ter sofrido *bullying* alguma vez. Ainda, segundo a pesquisa do IBGE, em Brasília, o maior número de casos ocorreu nas escolas particulares: 35,9%, contra 26,2% dos estudantes nas escolas públicas e que o *bullying* é mais frequente entre os estudantes do sexo masculino (32,6%) do que entre os escolares do sexo feminino (28,3%).

O fenômeno *bullying* é um problema social complicado de se perceber, pois apresenta-se tanto de forma clara, como de forma obscura, cada uma tem suas próprias características, podendo ser um fenômeno verbal, e/ou virtual.

Portanto, deve-se considerar que a escola é um espaço educativo, ou seja, um lugar onde deve haver uma socialização e uma promoção de conhecimentos, para que assim as crianças e jovens possam receber contribuições à sua formação. Assim, a escola

[...] apresenta-se, hoje, como uma das mais importantes instituições sociais por fazer mediação entre o indivíduo e a sociedade. Ao transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais a escola permite que a criança “humanize-se”, cultive-se, socialize-se ou, em uma palavra eduque-se. A criança, então, vai deixando de imitar os comportamentos adultos para, aos poucos, apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola aumentando, assim, sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social (MIRANDA; MAURIZ, 2012, p. 7).

Na escola, deve-se formar cidadãos que cultivem valores éticos. A escola deve ser um espaço que preza pela valorização da diversidade, que luta pela redução da violência em nosso dia a dia, para que assim a criança se torne segura e tenha melhor convívio social. Desse modo, o incentivo a não violência deve ser buscado de muitas formas. É essencial que a escola atue com a participação de pais e alunos, buscando discutir alternativas para resolver e solucionar as questões da violência, entre outros.

Primeiramente, a escola deve reconhecer a existência do *bullying* em seu ambiente, pois se omitir diante desses casos de violência, vai agravando ainda mais a situação. Um dos aspectos que pode ajudar a identificar se uma pessoa é vítima do *bullying* é o baixo rendimento escolar, pois a medida em que vai acontecendo esses constrangimentos, a escola passa a ser não só um local de aprendizado e estudo, mas também um local de dor, medo, angústia e sofrimento.

Outros comportamentos podem indicar que o aluno possa estar sofrendo algum tipo de violência, como sentir-se mal próximo ao horário de sair de casa, “pedir para trocar de escola, revelar medo de ir ou voltar da escola, pedir sempre para ser levado à escola, mudar frequentemente o trajeto entre a casa e a escola são também muito comuns e isso afeta diretamente o rendimento escolar desses alunos” (MIRANDA; MAURIZ, 2012, p. 5).

Com isso, para tentar reduzir as práticas de *bullying* no ambiente escolar, a gestão escolar precisa antes de tudo admitir a existência do *bullying* e tentar conscientizar a todos, dos efeitos desse problema, e o mal que ele pode acarretar para o desenvolvimento social e a aprendizagem dos alunos. Outra medida que a escola pode tomar, é buscar capacitar seus profissionais, para que, diante dessas práticas, eles saibam lidar com o *bullying*. Desse modo, instigar a comunidade escolar a participar e ter ações eficazes para lidar com tais situações.

Os professores devem levar o fenômeno do *bullying* a sério, pois a violência escolar vem aumentando a cada dia. Então os educadores têm que estar atentos a esse tipo de violência, e valorizar atitudes que demonstrem respeito de uns pelos outros e rejeitar toda forma de comportamento que se mostre ofensivo.

Para Lima (2011), o Ministério da Educação (MEC), através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), implantou em 2004 o “Projeto Escola que Protege” (EnP), buscando colaborar com o enfrentamento e com as medidas que previnam o *bullying*. O referido projeto entende a escola como instituição essencial na Rede de Proteção aos Direitos da Criança e do Adolescente. “A Escola que Protege” é um projeto de formação de profissionais da Educação Básica e de incentivo à produção de matérias didáticas e paradidáticas voltadas para a promoção e defesa dos direitos de crianças e adolescentes e enfrentamento a todas as formas de violências contra eles” (LIMA, 2011, p. 72-73).

A escola é o espaço onde as crianças passam a maior parte do tempo, ficando sob os cuidados dos professores e da direção. Diante disso, devemos considerar que a escola é uma instituição, que tem melhores condições de perceber o fenômeno do *bullying*, podendo também combatê-lo, ou seja, ela tem um poder maior do que qualquer outra instituição.

Conclusões

Este trabalho teve o propósito de refletir sobre a violência na escola. Por ser algo abrangente delimitamos para um dos fenômenos da violência que é o *bullying*. A violência é um fato complexo e não aparece só em manifestações físicas, como: crimes, homicídios, roubos, mas também nas situações de humilhação, indiferença, desrespeito, exclusão.

A mídia veicula com frequência que estamos vivendo uma epidemia de violência na sociedade. Como não poderia ser diferente, essa violência generalizada adentra os muros da escola de muitas formas. Neste trabalho, refletimos acerca da violência na escola, pois apesar de ser um tema bem debatido na sociedade, vimos a necessidade e urgência dessa discussão no âmbito acadêmico.

O estudo mostrou que as consequências do bullying escolar afetam todos os envolvidos, mas a vítima é a que apresenta maiores prejuízos, pois prejudica seu desenvolvimento e as suas relações com outras pessoas. As consequências são múltiplas: baixa autoestima, insegurança, isolamento, medo, angústia, agressividade, ansiedade, falta de vontade de ir à escola, dificuldade de concentração, diminuição no desempenho escolar, mudanças de humor, choros constantes, insônia, abuso de álcool e drogas, stress e suicídio.

O principal propósito desta pesquisa foi analisar as consequências do *bullying* na aprendizagem. Através da investigação pode-se notar que o *bullying*, quando ocorre, interfere na aprendizagem dos alunos, trazendo inúmeras consequências, tais como: perda de raciocínio, reprovação, evasão escolar, tira a concentração nas aulas, em alguns casos chega até a afetar o emocional. O estudo teórico realizado nos permitiu concluir que os casos *bullying* podem até evoluir para quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentos que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis. Também se conclui que o *bullying* é algo que de forma muito direta interfere na aprendizagem.

O estudo permitiu refletir sobre nosso papel enquanto educadores, nossas práticas em relação a aprendizagem, as quais devem proporcionar, na medida do possível, um ambiente saudável para nossos alunos, onde haja respeito, diálogo, justiça, amizade, solidariedade e cooperação. Acredita-se ser possível encontrar caminhos para ressignificar as relações humanas, tanto no cotidiano escolar quanto na vida em sociedade e foi o que pretendi através desse trabalho.

Referências

BARROS, Paulo Cesar, CARVALHO, João Eloir, PEREIRA, Maria Beatriz Ferreira Leite Oliveira. Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE- III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. 26 a 29 de outubro de 2009. PUCPR.

BRASIL ESCOLA. **Bullying**. Disponível em:
<http://www.brasilescola.com/sociologia/bullying.htm>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

CHARLOT, Bernard. Violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Interface: sociologias**, Porto Alegre, ano 4. nº 8, jul. /dez 2002, p. 432-443.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2011.

FANTE, Cleo. **O fenômeno bullying**: como prevenir nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas, SP: Verus editora, 2005.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira, SPOSITO, Marília Pontes. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, março / 2002, p. 101-138.

LIMA, Chantele Cerqueira de. Bullying na percepção da equipe técnica das escolas estaduais de Criciúma. **INTERLINK** - v. 2, n.2, jul/dez de 2011. **Disponível em:** <http://187.45.244.77/ojs-2.4.6/index.php/InterLink/article/view/18>> Acesso em 23. Nov. 2017.

MEDRADO, Hélio. **Violência nas escolas**. São Paulo: Minelli, 2008.

MIRANDA, Alex Barbosa Sobreira de; MAURIZ, Naila Luíza de Carvalho. **As consequências psicossociais do bullying no rendimento escolar**. 2012. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/as-consequencias-psicossociais-do-bullying-no-rendimento-escolar>> Acesso em: 23. Mai. 2018.

NOGUEIRA, Rosana Maria del Piccha de Araújo. **Violências nas escolas e juventude**: um estudo sobre o bullying escolar. 2007. 258 f. Tese (Doutorado em educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

RAMOS, André Luiz Moraes, BARBOSA, Anne Elyse Souza. Bullying - um obstáculo na vida e na aprendizagem. **ECCOM**, v. 3, n. 5, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/viewFile/481/328>> Acesso em 23. Nov. 2016.

ROSA, Maria José Araújo. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. **Revista Fórum: identidades. Itabaiana: GEPIADDE**, Ano 4, Volume 8. jul-dez de 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOUZA, Robson Sávio Reis. Violência – um problema com solução. **AMAE educando** - 374. Setembro, 2010, p. 8-13.